

não passam de matrizes valorosas, porém embrionárias para germinações na longa peregrinação evolutiva. Não se equivoque! A comunidade espírita brasileira é um centro de recuperação para almas acentuadamente enfermas tanto quanto nós três...

— Perdoe-me a sinceridade que faz bem ao seu gosto, mas não sei se chamo a senhora de louca ou inteligente! — manifestou o dirigente com humor.

— Pouca diferença existe entre loucura e inteligência. Digamos que os inteligentes são loucos educados... De minha parte, creio que nem isso eu seja. Sou uma louca... Louca pelo Cristo!

A vida de qualquer discípulo não é mais a mesma depois de passar pela *tribuna da humildade*. A tarefa criada por Dona Maria Modesto Cravo, sob aprovação de nosso diretor, alcança índices gloriosos na libertação de almas aprisionadas às suas próprias mentiras.

Qual de nós não terá que subir a essa tribuna ao longo do espinhoso caminho da desilusão?

⁽¹⁾ João 13:35.

⁽²⁾ *Seara Bendita*, Editora Dufaux — mensagem "Atitude de Amor".

⁽³⁾ *O Evangelho Segundo Espiritismo*, capítulo XVII, item 4.

24

Geração Solidária

"Não se deve entender que por meio dessa emigração de Espíritos sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores todos os Espíritos retardatários. Muitos, ao contrário, ao voltarão, porquanto muitos há que o são porque cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo."

A Gênese, capítulo XVIII, A Geração Nova, item 29.

Após intenso labor em dias seguidos de auxílio e socorro, Dona Modesta convidou Cícero Pereira, Marcondes e Selena para um instante de entretenimento em sua residência, nas cercanias do Hospital Esperança.

O momento era de intimidade. A anfitriã conservava os velhos traços da mineira hospitaleira. Uma boa xícara de chá refazente era servida enquanto a conversa absorvia-os em clima de descontração.

— Quanta dor nessas plagas! — manifestou Selena.

— A vida espiritual tem também suas alegrias, não é mesmo, Dona Maria? — atalhou o Professor Cícero.

— É verdade! Muitas alegrias!

— Dona Modesta, fui informada, em conversas de rotina com servidores do Hospital, que a senhora guarda vínculos profundos com algumas criaturas no plano físico! Seria a mentora deles?

— Ah, Selena! A história é longa... Quer mesmo saber?

— Adoraria!

— Estávamos em plena década de quarenta. O Sanatório Espírita Uberabense comemorava conquistas essenciais junto ao trabalho desobsessivo dos pacientes. Inácio, na condição de médico humanitário e investigador, sob tutela de Eurípedes que se valia de minhas faculdades sensitivas, desenvolvia métodos de recuperação jamais imaginados. Nossas reuniões de intercâmbio obedeciam ao critério da espontaneidade. Que saudades desse tempo inesquecível!

Começaram a aparecer da parte de Doutor Bezerra, a esse tempo, alguns pedidos de socorro para almas tratadas com desvelado carinho pelo benfeitor. Seu amor era tanto que me penalizava pela situação daqueles espíritos. Alguns deles eram *justiceiros* – assalariados de organizações ligadas aos dragões da maldade.

Doutor Bezerra dizia: “O socorro medianímico a essas almas tombadas significa o trabalho paciente de investir no futuro luminoso da humanidade. Um dia, eles usarão a força e a inteligência de que são depositários na implantação do reinado do bem. Falta-lhes direção. Nossa tarefa, portanto, reveste-se de grande importância ante o contingente de medidas levadas a efeito pelos organizadores planetários em favor dos destinos regenerativos de nossa amada Terra. Laços estreitos nos ligam a esses corações na tessitura do tempo...”

Naquele tempo, nunca vou me esquecer, em um sábado, no início da década de cinqüenta, após desgastantes atividades no Sanatório, fui me refazer um pouco em meu quarto. Estava assentada na beira da cama, quando adentrou Eurípedes e falou-me:

— *Dona Modesta, temos que ter muito carinho com essas almas a que estamos assistindo nas reuniões de intercâmbio.*

Perguntei-lhe espontaneamente:

— *Benfeitor, existe algum motivo especial?*

— *Nossos irmãos têm muito medo da reencarnação. Querem proteção e temem novos fracassos. Como peregrinaram pelo caminho obscuro da justiça impiedosa, sabem que também podem ser cobrados e castigados.*

— *Como poderei ajudar, querido benfeitor?*

— *Eles estão sendo preparados para um glorioso futuro. Sabem que a senhora tem o tempo de vida física traçado. Sabem também que é esperada por aqui para assumir graves responsabilidades junto ao Hospital Esperança. Então, muitos deles, especialmente os que guardam vínculos com nosso passado, têm nos pedido tutela e amparo. Regressarão nesta década e na seguinte com tarefas definidas.*

— *Terei condições para algo realizar?*

— *Eles esperam que os conforte com a promessa de assisti-los ao longo da tarefa de reerguimento consciencial na carne. Pedem o seu aval, Dona Modesta.*

— *Mas não seria melhor que Inácio, quem os “doutrina”, fizesse essa fiança? Ou mesmo você, meu benfeitor, que já se encontra liberto do corpo e dando-lhes todo carinho?*

— *Eles sentem o seu amor de mãe. Querem a senhora e têm o nosso consentimento.*

— *E o que preciso fazer para que possam acreditar que vou ampará-los?*

— *Regressaremos com muitos deles nas reuniões para o diálogo promotor dessas promessas de luz.*

— *Mas poderei saber a razão de tão carinhosa manifestação de carinho de Doutor Bezerra com esses corações?*

— *Eles retornam como lírios de esperança, colhidos e preparados pelo paladino do amor, com missões junto à obra redentora do Cristo.*

— *Querido benfeitor! Com tantas lutas e sentimentos como podem ser mensageiros do Cristo?*

— *Trazem o coração encharcado de culpas e dores, entretanto*

são almas valorosas pelas disposições comunitárias que apresentam em suas inúmeras trajetórias carnis... Dona Modesta, para que possa entender como Deus assiste almas desse porte moral, estude o belíssimo texto "A Geração Nova" contido em A Gênese de Allan Kardec.

Foi assim que me vi compelida a fazer infinitas promessas de tutela nos últimos quinze a vinte anos de minha peregrinação na carne⁽¹⁾, junto a inúmeras almas desoladas. Seja nas reuniões mediúnicas, ou mesmo fora do corpo, durante o repouso, envolvia-os em emotivos acordos de sensibilidade e ternura. Acreditavam solenemente em mim. Tornei-lhes mãe em espírito.

Eu passaria para cá e eles para o corpo. Com sinceridade, enquanto no corpo, não imaginava satisfatoriamente, dentro de meu espírito indagador, sobre como se daria semelhante destino.

Desencarnei, e uma das primeiras iniciativas de Doutor Bezerra foi dizer-me que precisava de conhecer meus filhos adotivos na Terra, que foram atendidos pelas minhas faculdades mediúnicas. Tinham entre dois a quinze anos de vida física. Lembro-me que a primeira criança visitada era ainda uma menina muito clara. Ao vê-la, chorei copiosamente sem saber exatamente a razão. Visitei um a um. Eram quase trinta. Todos, médiuns. Espalhados por esse país do Evangelho, passaram a ser parte intensiva de minhas realizações nesta casa de amor. Estão, pouco a pouco, com tenazes lutas interiores, buscando sua redenção. Com o tempo, assumirão suas tarefas doutrinárias.

Tenho procurado, com auxílio e orientação do Mais Alto, uni-los pelos laços sacrossantos da fraternidade e da afinidade de propósitos. O cumprimento do compromisso assumido significa a redenção espiritual para muitos deles.

Acompanhar os passos de meus tutelados tornou-se a mais gratificante tarefa. Tenho muitas alegrias quando os vejo ajustados, crescendo. Mas nem tudo tem sido facilidade e

pura alegria. Muitos têm sofrido as cruéis lâminas da justiça que um dia aplicaram sem amor. À frente de responsabilidades imensas, sucumbem sob a expiação do orgulho e dos ímpetos de mando. Estão aprisionados às teias do personalismo, esse estado mental de centralização em si mesmo. Outros, conquanto as tenazes provas, prosseguem intimoratos, embora carentes de apoio incondicional.

— E a senhora prossegue assistindo-os? — perguntou Selena.

— Com o tempo, vim a ser mais esclarecida sobre os meus laços com aquelas criaturas. Além de elos do pretérito, faziam parte do grupo de escolhidos por Doutor Bezerra para compor a *geração solidária*. O compromisso é mais amplo que eu mesma podia supor...

A história sensibilizava Selena e Marcondes. Como de costume, o momento de entretenimento entre almas ávidas por aprenderem tornava-se repasto educativo. Curioso com a nova expressão, indagou Marcondes:

— Pode nos explicar o que seja a *geração solidária*?

— Creio que o Professor Cícero é a pessoa certa para falar do tema — colocou Dona Modesta. Ele, inclusive, depois do desencarne⁽²⁾, chegou a cooperar no renascimento de alguns deles.

Sem pestanejar, o professor participou da conversa pela primeira vez.

— Em razão da índole mental dos que organizaram o movimento espírita brasileiro, Doutor Bezerra, antecipando medidas preventivas contra o excesso institucional, em plena década de quarenta, iniciou os preparativos para reencarnar oitenta líderes com tarefas definidas junto à coletividade doutrinária. A *geração solidária* tem esse nome, porque a solidariedade indistinta, acima de quaisquer preconceitos ou bandeiras, seria o traço moral marcante desse grupo. Somente os solidários constroem a benevolência efetiva. Se formos

apenas tolerantes e bons trabalhadores sem o quinhão da solidariedade, corremos o risco de construir obras circunscritas ao raio de nossas necessidades e interesses. A solidariedade é composta pelo exercício da inteligência, da ação sacrificial e do desprendimento. É transcender o limite da primeira para a segunda milha, conforme o ensino de Jesus. Seriam, portanto, os arejadores, aqueles que fomentam o “oxigênio” ante os rigores das convenções, capazes de asfixiar os melhores programas de elevação e progresso.

— Seriam então preparados diretamente por Doutor Bezerra? — manifestou o dirigente.

— Um grupo de educadores, ligados ao coração de Eurípedes Barsanulfo, passaram a ser os preceptores do projeto, tendo à frente Comenius⁽³⁾ — almas de elevada estirpe moral, que prepararam os oitenta líderes com as mais legítimas noções da educação pelo coração, acendendo a chama da aspiração de um porvir redentor para todos eles. Até hoje, continuam velando pelos passos de nossos irmãos. Devidamente orientados, os oitenta servidores foram incumbidos de romper com os limites, ampliando os horizontes das áreas a que cada qual ficou responsável. Ampliariam conceitos e trabalhariam com intuítos renovadores na comunidade doutrinária.

— Atuariam em quais áreas?

— Trinta deles, com programas na mediunidade, cuja missão seria dilatar a noção sobre a interação das sociedades física e espiritual, culminando em uma visão mais realista e multifacetada da vida extrafísica. Outros trinta seriam os expoentes da cultura, pensadores com a missão de fertilizarem a gleba com visão pluralista, rica de diversidade, cujos conceitos dilatassem a fé racional, dissolvendo o dogmatismo e o preconceito. E vinte operários para fundação de institutos com os traços organizacionais de cidadania espírita, uma interação de conhecimentos e um campo de trocas para

alavancar o progresso social. A *geração solidária* tem por missão corroborar com a implantação do período social do Espiritismo previsto por Allan Kardec na Revista Espírita, em novembro de 1869. A esses oitenta corações foi entregue a santificada oportunidade de edificarem os pilares para o tempo da maioria na coletividade doutrinária.

— Conseguirão mudar, sozinhos, a feição do movimento? Apenas oitenta pessoas?!

— São oitenta mentes com grande poder de influência e formação de opinião. Entretanto, em torno deles, estende-se uma cadeia de milhares de corações ligados pelos laços de cooperação e afinidade. Eles serão apenas os detonadores das referências de transição entre um tempo de mutações céleres e necessárias do conhecimento espírita. Esses oitenta arautos estimularão, em tese, a renovação dos modelos institucionais, das práticas doutrinárias e do perfil moral do verdadeiro homem de bem. Alargarão horizontes e referências éticas para a comunidade no início do milênio, focadas no trabalho em equipe e no compromisso com a causa, e não com a casa.

— Apesar das lutas que carregam, poderíamos considerá-los missionários?

— São almas com experiências sucessivas nas áreas em que assumiram compromisso. Os médiuns são corações que já estagiaram nas furnas da maldade, guardando em seu psiquismo, uma clara idéia das movimentações da perversidade. Dotados de larga resistência mental, serão sementes de serviços socorristas complexos na criação de novos modelos de relação espiritual. Os pensadores são os corações que desenvolveram a arte de comunicar idéias novas conectadas à base universalista do Espiritismo, convergindo a ação espírita para uma relação sadia e uma ética de cidadania com a sociedade. O grupo dos dirigentes é composto por almas que dominam larga habilidade para criação de novos modelos de trabalho e ação cooperativa em rede.

— Quer dizer que reencarnaram na década de quarenta? – voltou a participar Selena.

— Alguns nos fins de quarenta e, a maioria, na década de cinquenta.

— Esses oitenta líderes poderão falhar?

— São cartas vivas de esperança a serviço da obra redentora do Cristo. São as sementes férteis de novos tempos. Virão depois os cultivadores, os arautos de uma nova civilização no campo social. Existem chances enormes de se desviarem, entretanto o contingente de dor e amargura experimentado nos sucessivos fracassos de outras tentativas, ser-lhes-ão o esteio seguro e promissor. Além disso, pela envergadura da tarefa a que se submetem, serão alvo de muito amparo, tendo em vista a natureza árdua de suas missões.

— E como estão hoje?

— Pouco mais de vinte por cento cumprem suas tarefas a contento. Sessenta por cento estão inseguros sobre os rumos a tomar em suas atividades ante as ameaças do tradicionalismo. E quase vinte por cento já desistiram totalmente. Muitos dirigentes renderam-se ao comodismo. Alguns médiuns entregaram-se ao interesse pessoal, e quase todos os pensadores transformaram-se em rigorosos juízes da seara com sua habilidade de enxergar. Em tese, excetuando os que se mantiveram fiéis, os demais se fascinaram com as sugestões do cansaço e da excessiva capacidade de filosofar e questionar sem realizar.

— Meu Deus! Então vinte por cento desistiram?! Mas como pode ser? Não foram tão preparados por Bezerra?

— Suas idéias, amigo querido, refletem o espírito de menor esforço, uma ilusão comum à maioria dos seguidores do Cristo. Somente estudando com atenção o capítulo evangélico de Maria de Magdala, encontraremos entendimento preciso sobre quem são os trabalhadores da última hora. Esses vinte por cento não desistiram por simples

opção. Em verdade, sequer chegaram a ter consciência da missão que lhes estava destinada. Sequer imaginavam o quanto os céus depositaram sobre seus ombros.

— Não foram então avisados?

— Diz *O Evangelho Segundo Espiritismo*, no capítulo XXI, item 9:

“Outra consideração: os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundado pelo poder oculto que os inspira e dirige a seu mau grado, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra: os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se dão, eles próprios, como enviados de Deus. O primeiro é humilde e modesto; o segundo, orgulhoso e cheio de si, fala com altivez e, como todos os mendazes, parece sempre temeroso de que não lhe dêem crédito”.

— Portanto uma missão verdadeira nunca é revelada. É descoberta. É construída. Somente agora, depois do esforço sacrificial de quantos se mantêm firmes na empreitada, convém-nos dar notícias ao mundo físico sobre tal assunto, considerando a extensão das responsabilidades assumidas por esses arautos da diversidade. Esses oitenta homens e mulheres estão em plena maturidade das forças físicas. Essa Boa Nova chegar-lhes-á como estímulo renovador e confirmação oportuna aos roteiros luminosos que escolheram para suas existências.

— Não lhes incensará a vaidade?

— Para os decididos a servir, será visto como responsabilidade adicional. Para os indecisos, será um incômodo educativo. Para os desistentes, um alerta recuperativo.

— E... – ficou constrangido o aprendiz.

— Pode indagar à vontade, Marcondes. Não tenha receios da curiosidade inútil.

— Todos estão na carne?

— Sim.

— E se falharem?

— Os oitenta são os chamados. Se não fizerem, vamos às “esquinas”, como diz a prédica evangélica das Bodas⁽⁴⁾. Contudo alguns recursos de proteção e estímulo poderão ser suspensos.

— E qual o objetivo de serem retirados esses recursos?

— Deixarem os irmãos na carne colherem o fruto amargo da inconsciência com o qual aprenderão a melhor cuidarem dos tesouros celestes.

— Não será um ato de covardia e abandono? – interveio Marcondes um tanto alterado.

— Amigo querido, a misericórdia não pode incentivar a proliferação do joio na leira divina quando chega o instante inevitável da ceifa. Se ela atua incessante, ainda que abonando falhas e desajustes humanos, é porque, ao lado do joio nocivo, emergem lentamente as sementes viçosas de trigo. Porém, se as sementes promissoras, por algum motivo, deixam de ser lançadas na cova fria do sacrifício, para oferecerem o fruto desejável, então o Senhor da vinha deve tomar medidas para não perder sua colheita de esperança e paz.

Tocada pela resposta, Selena questionou:

— As missões de nossos companheiros permanecerão sempre restritas às áreas específicas?

— Nem sempre. Alguns deles, devido ao ímpeto de servir e aprender, poderão estagiar nos três campos distintos, sendo que serão mais hábeis, em particular, naquele que foram mais bem preparados. Encontraremos, por exemplo, médiuns que serão difusores da cultura nova, podendo vir a ampliar sua esfera de ação na fundação de institutos de cidadania.

— Quando serão preparadas novas missões para o movimento espírita?

— Minha filha, todos os dias são preparados mentes e

corações pelo Espírito Verdade para servirem em Sua bra. Não imagine a *geração solidária* como um acontecimento isolado ou de importância histórica incomparável.

— Então Doutor Bezerra já preparou outros missionários?

— Não somente ele, mas todos os servidores do amor incondicional não cessam em medidas pela implantação do bem na Terra. A *geração solidária* foi apenas a primeira leva coletiva de espíritos, que fizeram seu projeto reencarnatório a partir de uma missão delineada, integralmente, dentro do Hospital Esperança. Após quase uma década de funcionamento, já que foi criado, no início da década de trinta, os trabalhos foram se especializando a ponto de constituir um núcleo avançado de reencarnações, conquanto não seja sua especialidade. Doutor Bezerra solicitou a Eurípedes ajuda para a comunidade espírita nos idos de 1940. Eurípedes resgatou e preparou, pessoalmente, os oitenta. Depois deles, já tivemos milhares de almas com renascimento corpóreo programado nesta casa, sob tutela de nosso diretor.

— Todos no meio espírita?

— A maioria. Alguns servem em comunidades estrangeiras, onde o coração de Eurípedes guarda imensos compromissos.

— Pode me dar uma idéia?

— Na Grécia e na Abissínia.

— Apesar de não serem missionários, creio que esse grupo tem alguma qualidade em comum para terem sido escolhidos. Concorde, professor? – interveio novamente o ex-dirigente goiano.

— Concorde. São almas que trazem em comum uma excelente qualidade: estão cansados de errar. Faliram inúmeras vezes em tarefas coletivas. Guardam extensa bagagem política, intelectual e religiosa. Conhecem bem os atalhos da perdição.

— E essa qualidade lhes bastará?

— Cansados do mal, repudiam, antes de tudo, em si mesmo, o mal que irão combater na leira cristã. Tornam-se, dessa forma, portadores de uma apólice de segurança contra os velhos ímpetus de ver os problemas de fora e não por dentro. Com essa qualidade, colocarão a missão acima de quaisquer outras realizações de suas vidas. Somente então descansarão de si próprios, servindo e amando, aprendendo e sacrificando.

— Perdoe-me a insistência, mas o senhor ainda não me respondeu. Somente com essa qualidade terão êxito?

— Jamais podemos assegurar êxito a quem quer que seja na reencarnação. Tomamos sempre providências cautelares. O Hospital Esperança lhes será abrigo e ninho de refazimento. Todavia, para ser mais claro, posso lhe assegurar que somente esse quesito pode não lhes ser o suficiente contra a lisonja e o personalismo. Confiamos muito mais em outra medida de vigilância adotada em seus projetos reencarnatórios.

— E qual é?

— A condição de parceiros afetivos. Corações que lhes serão arrimo emocional indispensável ao tentame.

— O senhor estará falando de proteção espiritual especial?!

— Não. A proteção será especial no que tange aos recursos de nosso plano. Nenhum projeto do amor sobrevive sem esse círculo de amparo, as trincheiras de amor ao Cristo. Os ataques sutis dos antipatizantes do bem se renovam a cada dia em inteligência e persistência. Contudo, por mais misericórdia de nossa parte – os que nos achamos fora da matéria densa – não ultrapassaremos o valor dos parceiros afetivos que o homem pode contar em seu próprio plano de ação.

— Que parceiros são esses, professor?

— Estou falando do lar, o sagrado átrio das operações

de crescimento da alma. Estou falando da família, especialmente a família espiritual com a qual esses bandeirantes, inexoravelmente, haverão de contar ante tais desafios. Quaisquer grupos ou equipes que lhes devam amor sem exigências, ser-lhe-ão repasto e fonte de ânimo para a jornada.

— Família espiritual?... Hum! Hum! Velha questão subjetiva para mim, professor! Já tive muita decepção em acreditar que fulano ou beltrano fizesse parte de minha família espiritual. Sempre ouvi a expressão, mas somente agora, estando “morto”, começo a me interessar por ela. Como reconhecer a família espiritual?

Dona Modesta, atenta ao diálogo, depois de terminar seu chá, com muita fleuma, dirigiu-se ao professor:

— Permita-me professor?

— Ninguém melhor para falar do tema que a senhora!

— A família espiritual é constituída pelos corações que, na tessitura do tempo, criaram laços afetivos profundos, sendo que, em muitas ocasiões, esses laços foram desprezados pela desonra moral. Ainda assim, perante o monturo das decepções e das mágoas, o amor é o esteio da família espiritual. Nesse capítulo das obras espirituais, muitos de nós somos colocados, pela reencarnação, no caminho de nossas afinidades. Como a Terra ainda é uma escola de reeducação, tais afinidades, resgatadas pelo esquecimento do passado, surgem nas fileiras dos serviços doutrinários, atraindo-nos para uma proximidade espontânea, um encanto para caminhar juntos no ideal de enobrecimento moral. Entretanto, se descuidarmos de viver os convites da Boa Nova evangélica, podemos reativar as sombras do pretérito. Nessa conjuntura, mesmo os afins serão convocados a intenso esforço de recuperação para se amarem, sendo-lhes exigido tributos de sacrifício e renúncia, abnegação e ternura no intuito de conseguirem manter as obras cristãs que ergueram sob a égide

da espiritualização.

— Então nem mesmo as afinidades são garantias de êxito?

— Afinidade, assim como tudo que a vida nos brinda para celebrar o bem, são responsabilidades pelas quais devemos zelar com a máxima prudência, para que jamais se transformem em pasto de arbitrariedade, ou espelho para projetar nossas carências. Afinidade espiritual deve significar arrimo para confiança e estímulo para crescer sem os equívocos da ilusão. Seja como for, esteja certo que, mesmo entre os afins, a construção do reino do Cristo, na intimidade, exigirá tempo e devoção para a construção de relações sadias e duradouras, que libertem e edifiquem os valores imortais.

— Pelo que vejo, tinha conceitos muitos superficiais de afinidade espiritual.

— Para muitos, afinidade é estar com aquele que pensa da mesma maneira, ou que tem os mesmos gostos!...

— E não é?

— Os afins, à luz do espírito imortal, são aqueles que constroem juntos na fieira do tempo, a devoção espontânea e o respeito incondicional, fazendo-se amigos honestos e companheiros leais ao regime da confiança espontânea, ainda mesmo que diverjam sobre os mais variados pontos de vista. Na obra do Cristo, os afins são aqueles que decidem se amar, apesar das diferenças...

A conversa tomava rumos instrutivos sem perder o encanto do momento festivo, um verdadeiro recreio educativo. Professor Cícero e Dona Modesta, que já haviam repetido a mesma história infinitas vezes, contavam-na como se fosse uma novidade, com desvelo.

(1) Maria Modesto Cravo desencarnou em 08 de agosto de 1964.

(2) Cícero dos Santos Pereira desencarnou em 04 de novembro de 1948.

(3) Johann Amos Comenius, educador alemão.

(4) Mateus, 22 : 1 a 14.

25

Planos para o Futuro

“Para quem iremos nós Senhor se tens a palavra de Vida Eterna?”

Mateus, 6:28 a 30

Chegara o dia da reunião com Dona Modesta. Seriam discutidos o destino e traçadas metas para Selena e Marcondes. Ao todo, haviam passado seis meses de permanência com nossos amigos na “Casa de Eurípedes” – como é chamado, por muitos, o Hospital Esperança.

Marcondes e Selena concluíram uma síntese de sua pregressa reencarnação. Apesar dos percalços naturais, com espantosa rapidez, adaptaram-se à rotina dos serviços enobrecedores. Restava-lhes, como era justo, talhar o caráter, rever pontos de vista, educar valores, cooperar. Ninguém se livra de si próprio. Essa é a grande lição da morte física.

Os dramas conscienciais, os impulsos, as enfermidades morais, persistem além-tumulo. A boa vontade e a alegria de servir – alma das tarefas doutrinárias – atraem proteção e misericórdia. Contudo a alforria mental é galgada por quantos se entregam ao afanoso trabalho de crescimento interior. Nem sempre a contenção de impulsos conduz à transformação. Nem sempre a atividade doutrinária significa libertação. Assim como nem sempre a experiência do conhecimento adiciona paz e serenidade.